

II ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS
SOMÁTICAS E DANÇA

EDIÇÃO ONLINE

ANAIS

**EPISTEMOLOGIAS
SOMÁTICAS EM
MOVIMENTO**

23 A 27 DE JUNHO DE 2021
INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

WWW.ENCONTROSOMATICABRASIL.COM.BR

EDITORA



MOVIMENTO AUTÊNTICO (MA): DESDOBRAMENTOS DE PESQUISAS FORMAIS E INFORMAIS NO CAMPO DO SABER SOMÁTICO

Soraya Jorge – Faculdade Angel Vianna (RJ), Faculdade de Motricidade Humana (PT)

Resumo | O Movimento Autêntico (MA) e a Disciplina do Movimento Autêntico (DMA) enquanto saber somático no sentido de uma direta relação com a experiência da vida, e como uma metodologia de investigação do Soma, é vista nessa escrita inicial, em sua plástica interface com a arte da dança, com a arte da aprendizagem e com a arte da terapêutica. Um primeiro recorte cartográfico, mas com poucas obras citadas, mostra desdobramentos tanto no âmbito acadêmico, quanto nos contextos informais de ensino e criação de uma rica produção de performances, teses, dissertações, monografias, e de novas maneiras de experimentação do mover/dançar, testemunhar/observar o movimento. No acadêmico, as pesquisas nos programas de Artes Cênicas e Dança, desdobram principalmente o uso do método para a investigação dos estados de presença e produção de repertório expressivo para a tessitura de novas dramaturgias/poéticas; no trabalho informal, ressaltam as linhas de afeto e expressão que preenchem formas e desconstrução das formas; no aprendizado em procedimentos pedagógicos evidenciam-se os aspectos mais sensíveis e menos hierárquicos gerando autonomia nos fazeres técnicos, criativos e no aspecto terapêutico um dos focos é a identificação de padrões e brechas para novas/outras subjetivações a partir de um olhar empático de abertura ao outro.

Palavras-chave: Movimento Autêntico. Soma. Dança. Investigação.

MOVIMIENTO AUTÉNTICO: DESARROLLOS DE INVESTIGACIÓN FORMAL E INFORMAL EN EL CAMPO DEL CONOCIMIENTO SOMÁTICO.

Resumen | El Movimiento Auténtico (MA) y la Disciplina del Movimiento Auténtico (DMA) como saber somático en el sentido de relación directa con la experiencia de vida, y como metodología para investigar el soma, se ve en este escrito inicial, en su plástica interacción entre las artes de la danza con el arte de aprender y el arte de la terapia. Un primer recorte cartográfico, pero algunas obras citadas, muestra desarrollos tanto en el ámbito académico como en los contextos informales de enseñanza y creación de una rica producción de performances, tesis, disertaciones, monografías y nuevas formas de experimentar con el movimiento/danza, testificar/observar el movimiento. En el ámbito académico, la investigación en los programas de Artes Escénicas y Danza despliega principalmente el uso del método para investigar los estados de presencia y producción de un repertorio expresivo para el tejido de nuevas dramaturgias/poéticas; en el trabajo informal enfatizan las líneas de afecto y expresión que llenan y recreación de las formas;

en el aprendizaje de procedimientos pedagógicos se evidencian los aspectos más sensibles y menos jerárquicos, generando autonomía en las prácticas técnicas creativas y, en el aspecto terapéutico, uno de los focos es la identificación de patrones y lagunas para nuevas/otras subjetivaciones desde una mirada empática de apertura al otro.

Palabras clave: Movimiento Auténtico. Soma. Danza. Investigación.

AUTHENTIC MOVEMENT: UNFOLDINGS OF FORMAL AND INFORMAL RESEARCHES IN THE FIELD OF SOMATIC KNOWLEDGE.

Abstract | Authentic Movement (MA) and the Discipline of the Authentic Movement (DMA) as somatic knowledge in the sense of a direct relationship with the experience of life, and as a methodology for investigating soma, is seen in this initial writing, in its malleable interface with the art of dance, with the art of learning and the art of therapy. A first cartographic glimpse, with few works cited, shows developments both in the academic sphere and in the informal contexts of teaching and the creation of a rich production of performances, theses, dissertations, monographs, and new ways of experimenting with moving/dancing, witnessing/observing the movement. In the academic field, research in the Performing Arts and Dance programs mainly unfolds the use of the method to investigate the states of presence and production of an expressive repertoire for the weaving of new dramaturgies/poetics; in informal work, they emphasize the lines of affection and expression that fill forms and deconstruct forms; in learning pedagogical procedures, the most sensitive and less hierarchical aspects are evidenced, generating autonomy in technical, creative practices and, in the therapeutic aspect, one of the focuses is the identification of patterns and gaps for new/other subjectivations from an empathetic look of openness to the other.

Keywords: Authentic Movement. Soma. Dance. Investigation.

Introdução

Escrevo para sacramentar o que já foi dito! Essa foi a lição passada por um *nego véio*. A palavra que é lançada como sopro ritmado da minha boca é parte de meu corpo, é carne. A palavra que escrevo – antes já “soprada” – busca encarnar no texto as múltiplas vozes que habitam os caminhos alçados por ela e enlaçar o outro. Navega para desaguar no desejo da comunicação, só possível a partir daquele com quem jogo (RUFINO, 1987, p. 39).

Início essa escrita com uma breve apresentação de minha trajetória nas práticas somáticas, com a Consciência do Movimento, focando no Movimento Autêntico

(MA)/Disciplina do Movimento Autêntico (DMA). Em seguida, o pensamento se dá no que venho construindo, enquanto aprendiz e facilitadora do MA, a abordagem e seu potente campo propulsor de criações.

Discorro sobre os elementos estruturantes, metodologia e reflito como as esferas do conhecimento, cuidado, criação, consciência (*awareness*) – os quatro Cs – permeiam o cultivo da prática do MA, a construção de campo relacional com ênfase na consciência encarnada do Testemunho, em seu entrelaçamento com as artes, saúde, educação, ecologia, e outras esferas da vida.

Dentro e fora do âmbito acadêmico, o MA vem ocupando um saber somático, promovendo transformações, obras pessoais e coletivas escritas e dançadas.

Um pequeno percurso de minha trajetória nas somáticas no Brasil e nos Estados Unidos honra sua relevância na arte-vida que me compõe. Como aluna da família Vianna e também professora da Faculdade Angel Vianna (FAV) há quase 40 anos, inicio com Rainer, responsável por ter me tornado professora de sua técnica Dança Livre, e depois com Angel, de Consciência do Movimento, até então Expressão Corporal, nos Cursos Livres e no Curso Técnico de Bailarino Contemporâneo. Hoje nessa escola, componho a equipe de professores da Pós-graduação de Terapia Através do Movimento Corpo e Subjetivação.

Já a prática com o Movimento Autêntico teve início há 28 anos, quando morei na Califórnia, e tive o privilégio de participar do primeiro grupo de formação do *Authentic Movement Institute* (Instituto do Movimento Autêntico), fundado por Neala Haze (MA) e Tina Stromsted (Ph.D), em Berkeley (CA). Com as professoras Joan Chodorow, Janet Adler e com as próprias fundadoras Neala e Tina, além de grupos sem líderes, (*peer groups*), aprofundei os estudos em imersões continuadas.

O Movimento Autêntico (MA), criado e desenvolvido por Janet Adler, há alguns anos é nomeado Disciplina do Movimento Autêntico (DMA) como Prática Mística, uma das maneiras possíveis de investigação e prática. Adler “foi introduzida ao movimento como manifestação do inconsciente por Marian Chace, ao Movimento Autêntico tornando consciente por Mary Whitehouse, e à epistemologia somática e a Linguagem Perceptiva (meu adendo) por John Weir” (ADLER, Janet. *Discipline of Authentic Movement*, 2021).

Seguindo a linhagem de Adler iniciei, de forma sistemática, o ensino do MA no Brasil desde 1996 e, em Lisboa, desde 2012. Há dois anos integro “An International Post-Graduate Program for the Preparation of Teachers and the Faculty of the Discipline of Authentic Movement”.¹⁰⁶

O MA e a DMA me proporcionam, até hoje, intensidade perceptiva, duração de estados de presença, mudanças consistentes, consciência somática, corporalizadas nas tessituras sensório-motoras, psicoemocionais, cognitivas e energéticas. Em alguns momentos como um movimento de infiltração fluida e, em outros, com dedicação e cuidado no comprometimento com a prática e com as mudanças de contorno que ocorrem continuamente.

Essas tessituras dizem de um largo território somático e se assentam quando, na experiência, se tornam matéria, substância, sentido, reflexão da não separação dos campos criativo, pedagógico, terapêutico/clínico, ecológico e espiritual.

Ao longo do tempo, as percepções e transformações ganham, cada vez mais, volume, conectividade e discernimento, adicionando ao processo de aprendizagem os anos de professora na função de Facilitadora.

Utilizo-me de letras maiúsculas quando cito as funções que compõem o processo de aprendizagem no/do MA visto que, pela simplicidade da prática, sua relevância se dá no desenvolvimento de cada uma delas em suas especificidades, diferenciações e planos comuns. Os nomes das funções possuem uma construção reflexiva experimental que afirmam a dinâmica estrutural como um todo.

De forma sucinta, as funções são: Movedora, aquela que possui uma extensa liberdade de exploração de movimento e pausa, sem uma preocupação sobre a forma final do gesto e sim, um fino cuidado quanto a ser o mais direto possível ao campo sensorial. A atenção aos micromovimentos, sem excluir os mais amplos, e o desenvolvimento de um estado de acompanhar-se (não mental), são alguns de seus exercícios.

Acompanhar-se é desenvolver uma Testemunha Interna a partir de um olhar compassivo oferecido pela Testemunha Externa que, em pausa, escuta como é movida

¹⁰⁶Um Programa Internacional de Pós-Graduação para a Preparação de Professores e do Corpo Docente da Disciplina do Movimento Autêntico (tradução nossa).

pela presença da Movedora e maneja seus próprios julgamentos, projeções e interpretações para não depositá-los na Movedora. Existem outras funções que estudam as diferentes fases de um processo: Movedora Testemunha, Testemunha Silenciosa e Testemunha Integral.

Considero Testemunha Facilitadora, ao invés de professora, o termo mais justo com o que o MA produz, porque a prática fala de encontros de mutualidade, adentrando tanto os campos do aprendizado, terapêutico e criativo com ênfase no desenvolvimento do Testemunho, como o próprio nome diz.

Como é criar obras, performances, escritos, danças, formas de pensar em um campo onde há o comprometimento de se trabalhar os próprios julgamentos considerando concomitantemente as zonas de contágios coletivos?

(Re)conhecer e registrar nessa escrita o campo que o MA proporciona para a emergência das pesquisas, citar algumas delas, cartografar, é legitimar a potência das produções tanto quanto da própria abordagem como propulsora de repertórios e composições; os rastros, lastros que a estória do MA vem construindo no Brasil a partir de uma visão coletiva de pesquisadores criadores.

Como a simplicidade da abordagem convoca a complexidade de estados somáticos relacionais promovendo um rico campo de pesquisa?

Trago a imagem do sobrevoo da gaivota sobre o mar no Posto6 em Copacabana, Rio de Janeiro, e seu movimento preciso para alcançar um peixe. Imagem que vivifico em quase todos os encontros do Movimento Autêntico para exercitar a dobra do movimento duplo de um olhar que se abre para uma ampla paisagem com o foco de gestos diretos.

Imagem inspiração para o exercício de escuta dos fluxos sensórios que caminham à gestualização através do uso da vontade, escolha e/ou pela própria imposição do gesto enquanto força intensiva. Impulsos que movemos e/ou nos movem, dando passagem à tensão paradoxal dos movimentos voluntários e involuntários, convocando e alargando as relações sobre o que conhecemos e desconhecemos.

Esse caminho imagético descrito acima é um dos trabalhos centrais do MA: escuta e acompanhamento para o exercício modular da expressão, contenção, e dos excessos que vazam e, em outro extremo, são reprimidos. Esse processo permite tornar mais clara

a percepção do que nos move, os padrões do modo como vivemos e dos pequenos novos que estão sempre surgindo e nem sempre conseguimos ver. É na experiência do mover, do ser testemunhado, testemunhar a si e ao outro que as respostas às perguntas são apreendidas como possibilidades, e não como respostas prontas ou fechadas.

O meu sobrevoo nessa partilha são os vinte e cinco anos oferecendo o MA/Disciplina do MA no Brasil e Lisboa, e os peixes são os *endobramentos* e desdobramentos, afetos e pensamentos moventes dos encontros geradores de pesquisas e criações. O termo *endobrimento*, do verbo inventado *endobrar*, foi criado por mim para enfatizar o caminho de adentrar a experiência antes de iniciar um movimento de associações. Exercitar a contenção, ficar, permitir que a experiência dure.

O oferecimento dessa prática vem se dando no formato mais clássico que é o *Ground Form* (Forma chão/terra), segundo Adler (2002, p. XVI). Estrutura que sustenta o desenvolvimento da consciência encarnada e corporificada no âmbito relacional e que consiste na presença de no mínimo duas pessoas: uma na função de Movedora e, a outra, com um processo maduro na prática, na função de Testemunha.

Movedoras de olhos fechados no exercício de ver com o corpo inteiro, e Testemunhas de olhos abertos, em pausa, oferecendo espaço para o desenvolvimento da Testemunha Interna.

A metodologia consiste em um aprendizado de escuta fina da sensopercepção e da operação de transdução das forças em formas – das sensações em gestos, palavras-gestos e do desenvolvimento do Testemunho em um campo relacional.

Sem uso de música e propostas específicas de como mover, o MA produz um campo ao longo das duas funções contornado pelo cultivo da escuta, abertura, imersão, respeito, empatia, compromisso, rigor e profunda e detalhada investigação.

Os olhos fechados, abertos, a pesquisa de movimento e da pausa, a modulação para que haja um acompanhar-se, a ausência da música, a fala inicial, final e a escrita como espaço transicional, o tipo de linguagem utilizada, diferenciando o falar *a* experiência do falar *sobre* a experiência, e tantas outras minúcias, são alguns dos elementos constituintes da prática que dão o suporte para o cultivo das qualidades citadas acima e da produção de um campo de afetos para criações de si e de obras.

Que pesquisas somáticas, estados de atenção e criação emergem a partir de tais premissas, elementos, proposições do MA?

O foco base do MA e da DMA é o desenvolvimento da consciência *encarnada e corporificada* do Testemunho por meio da *incorporação* das experiências. Faço uma pequena distinção entre as palavras sublinhadas, ressaltando onde elas começam a se diferenciar e também a criação de um novo conceito, *Somafulness*. Ressalto que são todas construções próprias, provisórias, de pensamentos em elaboração: *encarnar* é a dádiva de sermos corpo: fisicalidade, fisiologia, forma contorno que transforma à medida que *incorporamos* tornando formas, os movimentos, gestos, palavras. À medida que tais experimentos se repetem e vão sendo assimilados, não só pela consciência reflexiva, o curso de *corporificação* se dá na direta relação corpo soma ambiente.

Um processo de *di-gestar*. Enquanto digerimos, damos vazão aos atos de eliminar, gestar e parir desconhecidos, jeitos de viver.

E, para fechar esse ciclo, a palavra Somafulness nasce da necessidade de reconhecer estados não duais, ao mesmo tempo, de construir um enunciado consistente que se ancora no soma. O que emana de nossos estados de presença transborda ao digestarmos as experiências; ser o que movemos sem identificação, e sim com espaço de Testemunho. No caso do MA, o que começa com a díade Movedora-Testemunha se torna *Um* (Uno) ao integrar todas as funções e fomentar a habilidade de discernimento. Como diz Adler (2002, p.140), “Such witnessing can be experienced as a merged, dialogic or unitivestate with the whole”¹⁰⁷. Escolho usar Nelson Job (2021, p.73), criador dos transaberes quando, em seu conceito de Unidade Dinâmica, diz, “Inexiste separação de criador e criatura, inexiste uma entidade transcendental”.

O caminho de aprendizagem do MA e da DMA se dá por meio das funções citadas acima, ganhando robustez processual na Testemunha Integral, na qual as fases são corporificadas e integradas. As experiências vividas são absorvidas, tornadas corpos com o suporte adicional do testemunho, como um tipo de vitamina D necessária para a captação do cálcio nos ossos, que evolui das experimentações, do ser acompanhada por uma Testemunha Externa, do ato de falar as experiências, receber Testemunho

¹⁰⁷ Esse testemunho pode ser vivenciado como um estado fusional, dialógico ou de união com o todo (tradução nossa).

verbal, até se tornar uma Testemunha Externa e oferecer a uma outra movedora um campo imanente sem projeções. Assim, se completa um grande círculo do ritual do aprendiz, que continua se espiralando, porque esse é um processo a ser contemplado continuamente.

O percurso por todas essas funções no desenvolvimento do Testemunho contempla o exercício de ver a fisicalidade das coisas dentro fora, de perceber as sensações, as sensações das emoções, as sensações a partir das histórias, interpretações construídas na presença de si e do outro, reconhecer e refletir de como as percepções falam de traços, marcas, contextos, momentos próprios, em algum grau.

Um gesto que fazemos é também um possível outro que é criado; o outro que afeta e é afetado. Costumo usar a seguinte frase: o MA não é apenas sobre as coisas, mas, principalmente, sobre como as coisas nos *coisam*. Como? O que acontece no corpo no instante do mover, do testemunhar e quando trazemos as palavras? Dar um passo à frente para entrar no gesto e para trás, ampliando o espaço para o acontecimento. Um passo à frente para mover, incorporar as sensações e se distanciar, testemunhando a si. Um passo atrás para ver melhor a movedora e se aproximar do quanto está sendo movida em si. Um duplo movimento paradoxal que desenha a forma de um oito, ao longo das funções dentro-fora.

O que os elementos constitutivos da prática produzem enquanto campo relacional de imanência (*awareness*) para cada praticante em seus territórios somáticos?

Testemunhando os vagalumes – olhando e sendo (duas palavras que podem expressar um processo de incorporação e corporificação) – há um aprendizado de ver, nas modulações da claridade e do escuro, a curiosidade, a percepção sensória, as pequenas percepções (LEIBNIZ, 1993 *apud* GIL, 2005), aquilo que sinto e não sei o nome, e que modifica todo o sentir, o olhar, o campo. O saber do soma em pleno encontro com o mistério.

Mas como os vaga-lumes desaparecem ou ‘redesaparecem’? É somente aos nossos olhos que eles ‘desaparecem pura e simplesmente’. Seria bem mais justo dizer que eles ‘se vão’, pura e simplesmente. Que eles ‘desaparecem’ apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los (DIDI, 2011, p. 47).

Os olhos fechados das Mecedoras e os olhos abertos das Testemunhas na estrutura da prática do Movimento Autêntico promovem algo quase invisível, quase sem a materialidade mais aparente, mas que, ao mesmo tempo, também nos contorna e nos contagia.

O Testemunho, movimento paradoxal, é o passo atrás para estar mais perto. A escolha, o toque nas substâncias emergentes, mover junto com a pessoa/pesquisadora com o olhar que se desloca para acompanhar o movimento, como o dos vagalumes que vem e vão.

Vou buscar em Daniel Stern, etólogo e psicanalista, em seu conceito de Afetos de Vitalidade, oriundo da observação de bebês, para continuar aproximando as noções de campo que experiencio no MA:

Podemos prontamente imaginar, de fato, que o bebê inicialmente não percebe atos manifestos como os adultos percebem. Pelo contrário, é muito mais provável que o bebê perceba diretamente e comece a categorizar os atos em termos dos afetos de vitalidade que eles expressam. Como a dança para o adulto, o mundo social experienciado pelo bebê é primariamente um mundo de afetos de vitalidade antes de ser um mundo de atos formais. Ele também é análogo ao mundo físico da percepção amodal, que é primariamente um mundo de qualidades passíveis de serem abstraídas de forma, número, nível de intensidade e assim por diante, não um mundo de coisas vistas, ouvidas ou tocadas (STERN, 1992, p. 49-50).

Relaciono com uma comunicação silenciosa na qual o que sentimos não tem nome e não são emoções, nem sentimentos. Expressões afetivas intensivas de variações que se dão no corpo através de gestos, tons de voz, olhares, texturas, um quase invisível.

Com a construção do Centro Internacional do Movimento Autêntico (CIMA) e de um Processo Formativo, com sede no Rio de Janeiro, contorno aos estudos continuados, têm sido geradas produções em muitas áreas, tanto quanto o desenvolvimento pedagógico do MA em si, considerando as especificidades geográficas e culturais do país.

Quanto à pedagogia, surgem quatro enunciados que se modulam em diferentes cenários e fomentam o campo relacional: Abordagem Somática Relacional, Prática do Testemunho, Ritual e Terreiro Contemporâneo, e Ecologia Processual. Todos estes

nascidos no círculo, no suor do chão de madeira, na baba das palavras, produzidos na degustação do que vai se assentando, corporificando enquanto legitimamos a encarnação, estão intrinsecamente conectados, compostos e até mesmo misturados. Dependendo do momento, a modulação se acentua mais em uma ou outra interface.

Com a presença de psicólogos, educadores, *performers*, artistas de diversas áreas, antropólogos, buscadores (*seekers*) no Processo Formativo, fica evidente como o MA dá suporte e alavanca pesquisas.

Algumas obras aqui citadas são criações que contam com os elementos e o campo produzido pelo MA como nas videodanças: *Gravidade*, por Bianca Andreoli (2020), e *Tremor*, por Valéria Vicente (2021). E nas obras escritas *O corpo do psicoterapeuta na prática clínica: uma pesquisa em Psicologia Analítica com contribuições do Movimento Autêntico*, por Mara Castro (2019), *Errância passista: frequências somáticas no processo de criação em dança com frevo*, por Valéria Vicente (2019), e *Entretecer Bordas no Fazer Dançante: contribuições do Movimento Autêntico para a Dança Contemporânea*, por Suzana Bayona (2015).

Vou chamar de Testemunha Andarilha o que encarnei durante quase vinte anos na aventura de percorrer, principalmente, o sudeste e nordeste do Brasil, pausando somente quando, em 2020, iniciou a pandemia.

Hoje em dia, no modo online, o movimento se dá em cada casa, em muitos estados e países em um lindo agregar de sotaques e ritmos. Uma bela possibilidade se abre aos que estão mais distantes, promovendo uma continuidade tão importante ao aprofundamento, e com a consciência de que sentimos falta de nossos cheiros, sons, abraços, outros modos de corpo inteiro.

Reflito sobre esse intrínseco processo pessoal, caminho simultâneo de trançado coletivo, como atos de (re) existência e de micropolítica diante de tantas esferas que estamos vivendo. As questões sobre a colonialidade estão abrangendo nossas práticas somáticas de forma contundente, e isso mantém nossos questionamentos de como as colocamos como modos universais e generalizantes de percepção e produção de conhecimento do corpo. O olhar para o estranhamento e para o que se apresenta como desconhecido, talvez possa ser pista para a tensão entre a diminuição de autoritarismos tão engendrados e o aumento potente da autoridade sobre os saberes.

Ressou quando Rufino, referendando Exu e a perspectiva apresentada pela encruzilhada, afirma:

O que se propõe não é a negação ou ignorância das produções do conhecimento ocidental e dos seus acúmulos, tampouco a troca de posição entre o Norte e o Sul, entre o colonizador e o colonizado, entre os eurocentrismo modernos e outras opções emergentes. O que se versa nas potências de Exu é a esculhambação das lógicas dicotômicas para a reinvenção cruzada. São os domínios de Enugbarijó, “a boca que tudo engole e vomita o que engoliu de forma transformada”(RUFINO, 1987, p. 37).

Considerações Finais

Finalizo minha escrita considerando o meio como um contínuo movimento perceptivo dos fins aos começos ao longo de pensamentos não lineares E, ao mesmo tempo, com a importância de se fechar ciclos. “Também o pensamento carece de um silêncio. É preciso poder fechar os olhos” (CHUL HAN, 2021, p.30).

Pausa.

A noção de processo experienciado fortalece uma teia, tal qual a subterrânea, de raízes, fungos e bactérias que conectam as árvores e plantas umas às outras; a teia dos conteúdos estendidos nos diversos tempos.

E a noção de campo relacional – de modulação, o COMO é praticado e refletido no MA e na DMA – fomenta pesquisas nas quais são reconhecidas as singularidades, ressonâncias e se preocupa em não privilegiar a predominância da autoridade das especificidades e do separatismo entre os saberes.

Desafio. Manter o corpo soma com o tônus justo, testemunhando a sutileza dos desequilíbrios e equilíbrios constantes.

O outro grande desafio é pensarmos nossas práticas no momento atual, pandêmico, sociopolítico brasileiro e mundial, e um olhar para os detalhes, para os pequeninos movimentos, dando a ver os vários tempos das diversas histórias, inclusive as não contadas, que, cada vez mais, se colocam em cena– estórias que ficam de fora. Mencionar tal cenário é registrar quão políticas são as abordagens somáticas e o modo como as facilitamos.

No espaço do meio, trago uma passagem de Gustavo Ruiz Chiesa:

E o que faz a vida movimentar são os fluidos que nos conectam a tudo que nos envolve. Não há separação entre o que somos (o “ser”), o que nos afeta (as “forças” ou “fluidos”) e aquilo que nos cerca (o “ambiente”). Os fluidos são, na verdade, a parte mais sutil da matéria, compondo uma dimensão que está além daquilo que podemos ver, mas que de alguma forma podemos perceber, intuir e ser afetados. Temos, assim, os dois princípios cosmológicos que estruturam o universo: matéria e movimento(CHIESA, 2016, p.30).

Referências

ADLER, Janet. Offering from the Conscious Body. **The Discipline of Authentic Movement**. Rochester, Vermont: Inner Traditions, 2002.

ADLER, Janet. Discipline of Authentic Movement, 2021. Disponível em: <https://disciplineofauthenticmovement.com/discipline-of-authentic-movement/a-brief-description-of-the-discipline-of-authentic-movement/>. Acesso em: 11 set. 2021

CHIESA, Gustavo Ruiz. **Além do que se vê** – magnetismos, ectoplasmas e paracirurgias. Porto Alegre: Multifoco, 2016.

CHUL HAN, Byung. **Favor fechar os olhos**. Em busca de um outro tempo. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. De Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GIL, José. **A Imagem–Nua e as Pequenas Percepções**: Estética e Metafenomenologia. Lisboa: Relógio D`Água, 2005.

JOB, Nelson. **Vórtex**: modulações da Unidade Dinâmica. Rio de Janeiro: Edite, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórrola Editorial, 2019.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Sobre a autora:

Doutoranda em Dança (FMH-PT). Integrante e professora de “The Discipline of Authentic Movement Faculty/ Circle of four”. Professora de Pós-Graduação da Faculdade de Dança Angel Vianna. Criou o Processo Formativo do Movimento Autêntico e o Centro Internacional do MA (CIMA) no Brasil.
soraiajor@gmail.com

Sobre la autora:

Estudiante de doctorado en Danza (FMH-PT). Miembro y profesor "Facultad de Disciplina del Movimiento Auténtico/Círculo de cuatro". Profesor Titular de la Facultad de Danza Angel Vianna. Creó el Proceso de Formación del MA y el Centro Internacional de MA (CIMA) em Brasil.

soraiajor@gmail.com

About the author:

PhD candidate in Dance (FHM-PT). Member and professor of "The Discipline of Authentic Movement Faculty/Circle of four". Professor of the Graduate program of Dance Faculty Angel Vianna. She has created the Formation Process of the Authentic Movement and the International Center of AM (CIMA) in Brazil.

soraiajor@gmail.com



Fundação de Apoio à
Pesquisa do Distrito Federal

A realização desta publicação e do evento foi possível devido ao apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ANAIS

II Encontro Internacional de Práticas Somáticas e Dança
Epistemologias Somáticas em Movimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Campus Brasília

23 a 27 de junho de 2021

Organizadoras desta publicação

Diego Pizarro

Carla Sabrina Cunha

Clara Faria Trigo

Lilian Freitas Vilela

Laura Maria B. S. Campos

Marila Annibelli Vellozo

Melina Scialom

Patrícia Caetano

Suselaine Serejo Marinelli

E56 Encontro Internacional de Práticas Somáticas e Dança (2. : 2021 : Brasília, DF)

Anais [recurso eletrônico] / II Encontro Internacional de Práticas Somáticas e Dança: Epistemologias somáticas em movimento, 23 a 27 de junho de 2021 em Brasília, DF. – Brasília, IFB, 2022.

ISBN 978-85-64124-93-6

1.Educação somática. 2. Dança. 3. Movimento. I. Pizarro, D. (Org.).

CDU 37.091.39

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA

LUCIANA MIYOKO MASSUKADO

PRÓ-REITORA DE ENSINO

VERUSKA RIBEIRO MACHADO

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

PAULO HENRIQUE SALES WANDERLEY

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

GIOVANNA MEGUMI ISHIDA TEDESCO

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

RODRIGO MAIA DIAS LEDO

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

JOSÉ ANDERSON DE FREITAS SILVA

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

REJANE MARIA DE ARAÚJO

PRODUÇÃO EXECUTIVA

SANDRA MARIA BRANCHINE

REVISÃO DE

LÍNGUA PORTUGUESA

NILA PICARELLI

REVISÃO TÉCNICA

DIEGO PIZARRO

CAPA, DESIGN GRÁFICO

E DIAGRAMAÇÃO

MICHELLE DE FÁTIMA

EDITORA



2022 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB.

É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.